REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 53
JANEIRO A MARÇO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 53
ARTE: O CRIAR, O FAZER E O APRECIAR

DESAFORISMO PELOS GESTOS EM AGENCIAMENTOS COM SONHOS, FEMINISMOS E AS MARCIANAS (MÁRCIA X, MARCIA TIBURI)

DISAPHORISMS FOR GESTURES IN AGENCIES WITH DREAMS, FEMINISM AND THE MARTIAN (MÁRCIA X, MARCIA TIBURI)

Tatiana dos Santos Duarte
Maria Beatriz de Medeiros

Resumo: Este texto coloca como provocações os desaforismos em gestos que lançam frases como ponto de partida. Tendo os aforismos de Friedrich Nietzsche como germe e compondo uma paisagem de conceitos, agencia sonhos com Suely Rolnik pelas subjetividades, inconscientes e feminismos com as potências dos pensamentos de Márcia X e Marcia Tiburi. O objetivo é, através da arte, problematizar as questões do machismo estrutural tencionando-o por entre as vozes dos silenciamentos, fazendo compor e decompor expressões. Justificamos escrever este texto como forma de colocar, na arte e na ciência, outras formas de pensar os corpos, as corpas e os corpes que são despotencializados pelo capitalismo patriarcal. As autoras escreveram juntas em sequência uma da outra por aplicativos de mensagens. Usamos pensamentos curtos, assim como Nietzsche, para pensar os fazeres artísticos.
Palavras-chave: Arte. Feminismos. Aforismo. Performance.

Abstract: This text poses as provocations the disaphorisms in gestures that launch phrases as a starting point. Having the aphorisms of Friedrich Nietzsche as a germ and composing a landscape of concepts, it manages dreams with Suely Rolnik through subjectivities, unconsciousness and feminisms with the powers of the thoughts of Márcia X and Marcia Tiburi. The objective is, through art, to problematize the questions of structural machismo, intending it through the voices of silencing, making expressions compose and decompose. We justify writing this text as a way of placing, in art and science, other ways of thinking about bodies, bodies and bodies that are deempowered by patriarchal capitalism. The authors wrote together in sequence with each other through messaging applications. We use short thoughts, just like Nietzsche, to think about artistic doings.

Keywords: Art. Feminism. Aphorism. Performance.

> “Eis o que essa coisa é. [...] Para dizer que a borboleta é – decididamente - azul, prefiro não ver completamente a borboleta, prefiro que continue viva: essa é a minha atitude quanto ao saber” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p.63).

O presente texto foi escrito por duas, três ou muitas mãos e trouxemos um bando de autoras, artistas e autores que o perpassam; foi baseado nos aforismos de Friedrich Nietzsche. Com isso, priorizamos uma troca de textos via aplicativos

digitais, utilizando textos curtos, sonhos, feminismos e Marcianas (Márcia X e Marcia Tiburi). Usou-se como estratégia o texto como imagem de elucubração, uma espécie de vai e vem das autoras, usando o WhatsApp para desaforar pensamentos.

1 Desaforismo matinais criam corpo-voz pelas teias encarnadas, passando por encruzilhadas conectivas. Ponto de vista nômade são os corpos feministas. Estes engendramentos com sonhos e gestos criam pensamentos e ações.

2 Um desdobramento dos aforismos nietzschianos, com uma dose de maria-sem-vergonha, o desaforismo é um ato de coragem das sujeitas que enfrentam o falocentrismo. Uma época que perdeu seus gestos é, por isso mesmo, obcecada por estes. (AGAMBEN, 2008, p.11)

Para Didi-Huberman (2013, p.173):

> A Pathosformel, portanto, seria um traço significante, um traçado em ato das imagens antropomórficas do Ocidente antigo e moderno: algo pelo qual ou por onde a imagem pulsa, move-se, debate-se na polaridade das coisas.

3 O desejo é o algo que lança. Lança voz. Afecta-se em provocações. Bandeando e se lançando. Lamber pela fala que deseja. Deixando uma flecha. Desejo flexa.

> O CsO [Corpo sem Órgãos] é o campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo [...] Cada vez que o desejo é traído, amaldiçoado, arrancado de seu campo de imanência, é porque há um padre por ai. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.12).

6 Complete a frase: Pensou desejo, pensou...

73 Desejar é motor, rotor, pulso, brisa, vento, evento. O desejo não interessa pois tem objeto, abjeto, rejeito e fundo de copo suado. O desejar interessa.

73/2 Agenciar é desejar. Agenciar é bagunçar. Agenciar é ter tesão. “A primeira regra concreta [dos agenciamentos] [...] é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há uma” (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 232). Assim “o território cria o agenciamento” (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 232).

15 Escrever junto é fazer dos encontros grandes festas. Para escrever desaforos temos que agenciar. Polinizando as marias-marcianas-sem-vergonha, o pensamento é a multiplicidade e “a significância ou a subjetivação que supõem um

agenciamento, não o inverso" (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p.103). O "território cria o agenciamento" (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p.232).

7 Escrever aforismos em dupla é ser uma só e muitas. Arriscar e se perder de quem é. Num pedaço do pensamento pode ser uma, duas ou muitas, ou nenhuma pois estamos justapostas.

95 A flecha pode ser rastro, resto. A mancha que clama o evento de forma surda. Enquanto isso, os sons da rua ressurgem como apelo de lambidas vazadas e como poeira que borda.

13 O sonho parte do caos e é o fogo do agenciamento. Chamamos de risadas, susto, confusão aglomeração e sopro molhado.

4 A voz que escuta: 1 a si, 2 o outro, 3 o eco, 4 a ressonância, 5 a reverberação e 6 a resso-ação.

4.1 Escutar a si é não interpretar e sentir.

4.2 Escutar o outro é estar atenta sem moralizar e nem sub-julgar. Cuidado em não escutar o outro e mais cuidado ainda em somente escutá-lo.

4.3 Escutar o eco é entender que toda ação tem uma reação. Somos responsáveis pelo que dizemos, não pelo que os outros interpretam.

4.4 Escutar a ressonância é entender as características de cada voz que está na nossa voz.

4.5 Escutar a reverberação é entender que precisamos de tempo para poder escutar.

4.6 Escutar a resso-ação é perceber a voz de si, do outro, do eco, da ressonância e da reverberação e encontrar a potência da nossa voz-ação.

7 A voz que escuta vê.

***[1]

Sonhei contigo. Nele, estava na tua casa. Você estava dormindo, visitando Orfeu, descansando. Seu filho chegou de viagem e foi para um quarto dormir pois estava cansado da viagem de Brasília para chegar até o Rio de Janeiro. Estava na

[1] O texto abre e fecha o relato dos sonhos com três asteriscos (***). Estes relatos foram trocados por aplicativos de mensagens. O tempo verbal se manteve na primeira pessoa pois é uma transcrição adaptada do relato.

sala, quando chegou minha mãe, minhas irmãs e sobrinhos. Foi um susto, pois vocês estavam dormindo. Minha família chegou gritando. Além de estarem falando sobre o Bozo. Acordei.

***

5 Os Feminismos são vários. São muitos os estudos que polinizam as teorias.

5/2 As teorias pululam enquanto a cama fria grita: “Vem, vem, vem.” Vai Corínthias!

6 As teorias ouvem surdas propostas que sobem arranhando as paredes deste velho computador.

26 Ao inventarmos palavras, criamos germe de diálogo. Construímos linguagens que recairão sobre as formas perversas do patriarcado na sociedade neoliberal-capitalista. Falar como feminista é fazer o movimento da língua ser potente.

X No X da questão, seria uma tradução de expressão e, como toda tradução, nunca é exata. Este, o X (XX ou XY ou XXY), acena para as sujeitas e aponta para um trocadilho latino. Talvez latindo.

9 Márcia é X porque é desindividualizada, desidentificada e dessacralizada. O X é singularização do fazer artístico.

11 Ser feminista é arrebentação de vivências compartilhadas contra as imagens falocêntricas. Um ato de liberdade anunciado por uma reivindicação de espaço e fala.

12 As Marcianas, Márcia X e Márcia Tiburi, são sujeitas que trazem as linhas de fuga para pensar outras estratégias feministas.

> A "inspiração" é a explosão de uma abundância de sentimentos em uma multiplicidade de imagens e símbolos involuntários, um estado de rara liberdade de os sentidos se apresentarem. (NIETZSCHE, 1995, p. 86)

29 Nas tiras e nos nós, tecemos uma árvore de saberes sem arborescência. Muitas coisas ficam não ditas pelo caminho. A timidez chega por não saber o que falar.

30 Pelo contrário, talvez fosse tímida por ter muito o que dizer e ter ouvido tantas vezes do pai: “Você é doida.” ou “Vou te internar.” ou, ainda, sabendo que ele

não gostava de psicanálise: “Precisa de um psicanalista, psicólogo, talvez psiquiatra.”

27 Os silenciamentos que eram imputados em nossos corpos fizeram com que as singularidades X brotassem como gritos.

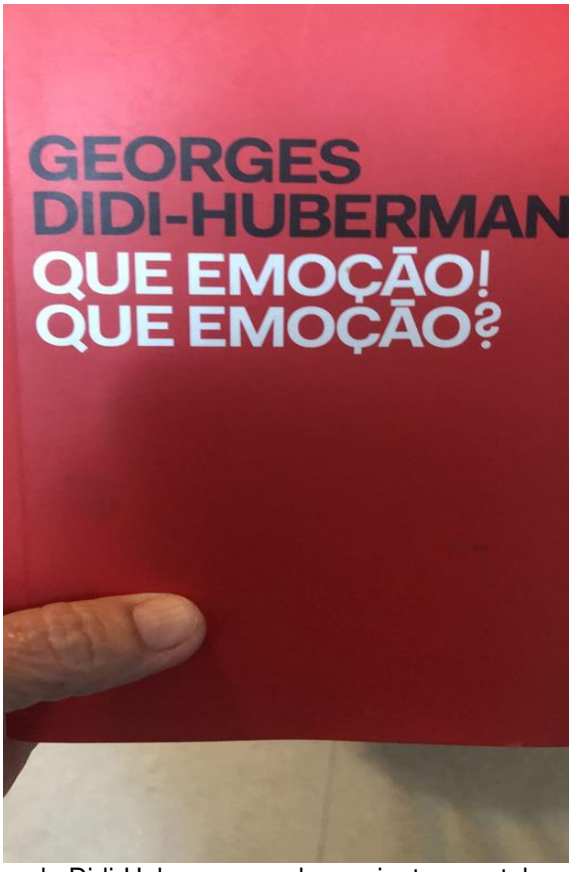

Figura 1 - Livro de Didi-Hubeman que lemos juntas em telepresença. 2021
Fonte: Arquivo Pessoal

28 arte = grito.

30 Ouvir, também, o farfalhar das árvores, ver os desenhos dos ventos, sentir o calor do momento, tocar o inenarrável, cheirar hálito dos desalentados. Isso para poder escorrer por palavras sem palavras, com arte.

30.1 Escutar é perceber o sensível.

11/2 A boca não foi feita para falar, foi feita para morder. Versar sobre o feminismo é gritar, escutar e falar com os dentes.

31 Não se esqueça que amanhã tem dentista e não está nada barato.

32 O ouvido já foi um dente, bem lá na parte de trás do maxilar. Por vezes, precisamos escutar mais com nossos dentes e mastigar as palavras.

55 Detestamos leite. Pode ser sorvete, sem leite? E choco late? Arte, lida como quem late. Arte arte arte.

56 Corpos Informáticos[2] fez *chocoCristos* de chocolate, em 2008. Vendeu no Setor Comercial Sul, Brasília, em frente à Casa de Cultura Latino Americana da UNB.



Figura 2 - chocoCristos, 2015.
Fonte: https://www.corpos.org/

[2] Corpos Informáticos (Brasil, 1992, http://corpos.org, www.performancecorpopolitica.net) é um grupo de pesquisa em arte contemporânea com ênfase em performance, composição urbana – conceito que preferimos àquele que se costuma denominar "intervenção urbana" –, videoarte, webarte. Este grupo formou-se na Universidade de Brasília em 1992 com professores e alunos de Artes Visuais, Artes Cênicas, Arquitetura e Comunicação. São atualmente membros do Corpos Informáticos: Alla Soub (Mariana Brites); Ana Reis; Bia Medeiros (Coordenadora); Diego Azambuja; Gustavo Silvamaral; Maria Eugênia Matricardi; Matheus Opa; Natasha de Albuquerque; Rômulo Barros e José Mário Peixoto (Zmário). O grupo desdobrou-se na pandemia e ganhou outras (tele)presenças, criando o projeto/grupo/proposta/bololô/curativo/coletivo ACOCORÉ (Arte, COletivos, COnexões e Redes, https://acocore.wixsite.com/acocore) que questiona, através da arte da performance, os poderes institucionais e o uso das redes virtuais como espaço de encontro/mostra/troca em tempos de pandemia, endemia, virtual e presencial. Busca-se realizar prática artística de caráter modificador da atitude submissa a que estamos sendo subjugados pelos meios de comunicação, gerando ruído em espaços dominados pelo sistema colonial capitalístico. Trata-se de arte/pesquisa/processo/divulgação/incentivo/ativismo/hackeamento através da criatividade para o público/artista/ator/iterator. Acocoré é Coordenado por Bia Medeiros (Maria Beatriz de Medeiros) e Juliana Cerqueira, fazem parte do grupo: Ana Reis (GO); Alex Simões (BA); Alla Soub (DF); Arthur Scovino (RJ, BA, SP); Babidu (GO); Beatriz Provasi (RJ, Dinamarca); Bia Medeiros (RJ)Carla Rocha (DF, USA); Cássia Nunes (GO); Clarisse Tarran (RJ); Cristine Carvalho Nunes (RS); Eduardo Mariz (RJ); Juliana Cerqueira (RJ); Maíra Vaz Valente (SP); Marta Mencarini (DF); Milene Lopes Duenha (SC, PR); Naldo Martins (AP); Natasha Albuquerque (DF); Raphael Couto (RJ); Renan Bacci (SP); Ricardo Garlet (SC); Tatiana Duarte(RS); Thiago Rodeghiero (RS); Valéria Medeiros (RJ); Vinicius Davi (RJ/ Berlin) Zélia Caetano (PR); Zmário (José Mário Peixoto. BA).

> Nessa torrente desmesurada impera, desespera, um estereótipo de gélida beleza. As vísceras exauridas de um trabalho sedentário, os olhos cegos de telas de computadores, o peito seco do ar condicionado, ou o calor estúpido daqueles que fritam pastéis, fazem pães e carros. (AZAMBUJA; MARTINS; MEDEIROS, 2009, p. 24)

15/2 Comer *chocoCristos* é processar/cagar outras coisas. O CU também late: Arte arte arte.

16 Polinizar o corpo pelos gestos que evocamos com fazeres camelísticos. Ambulantes pelas calçadas, pelas terras e pelo chão. Saberes de marcianas na areia vermelha. Imagens da sopa cultural, feita com suor, sangue, pele, café, leite e carregador de celular, que evoca a brasilidade.

57 Desenterramos a terra vermelha que tem cor de gente. Somos um bando de minhocas e formigas que cavam, reivindicam e comem a terra. Estão grilando todos os nossos espaços. “CU, de gênero inominável, sexual, negado por muitos, dementes, a-mente, somente paisagem/passagem de um si, capivara” (AZAMBUJA; MARTINS; MEDEIROS, 2009, p. 28).

> Onde cheira a merda
> cheira a ser.
> homem podia muito bem não cagar,
> não abrir a bolsa anal
> mas preferiu cagar
> assim como preferiu viver
> em vez de aceitar viver morto.
> (ARTAUD, 1983, p. 151)

58 No ritmo que reconhece a si, o CU[3] tem uma importância: ele ri alto, desobedece, não pede aprovação e vira acontecimento.

***

[3] A arte, dizem, pode ser intervenção ou interferência urbana. Corpos Informáticos quer e prefere o termo “composição urbana” (CU). Marcel Duchamp chama seu desenho de L.H.O.O.Q (lê-se “elle a chaud au cul”, isto é, “ela tem calor no rabo”) e todos o ovacionam por este achado. Corpos Informáticos diz que faz C.U. (composição urbana) e todos riem. Octavio Paz (ad tempura) declara: “A obra é o caminho e nada mais. Essa liberdade é ambígua ou, melhor dizendo, condicional: a cada instante, podemos perdê-la, sobretudo se tomarmos a sério nossa pessoa e nossas obras”. A composição urbana (CU) não interfere (inter-fere) nem intervém (a intervenção cirúrgica é para os fracos e fracas que temem a velhice), a composição urbana compõe e decompõe com o corpo próprio, com o corpo do outro, com o espaço dito público, com a internet.

Sonhei que estávamos em uma casa de madeira antiga e lá tinha um alpendre na frente da cor verde. Você estava sentada na escada que levava para o alpendre e me perguntou: – Você já trabalhou com arte? Disse a ela que não sei. Eu estava com uma mala grande cheia de ervas que ia distribuir em um canto desta casa para algumas pessoas que esperavam.

***

> Deleuze assim comenta Spinoza: Cada vez que um corpo encontra outro, há relações que compõem e relações que decompõem [...]. Mas a natureza combina todas as relações em um só tempo. Logo, na natureza, em geral, o que não para é que todo tempo há composições e decomposições de relações. Todo o tempo, pois, finalmente, as decomposições são como o contrário das composições. Mas, não há nenhuma razão de privilegiar a composição de relações sobre a decomposição já que as duas vão sempre juntas. (DELEUZE, 1981). (MEDEIROS, 2017, p. 43)

59 As Marcianas estão por aí há muito tempo compondo e decompondo. O estado sedentário tenta apagá-las e soterrá-las. Por vezes, separá-las. O bando resiste junto, proliferando-se.

> Talvez não haja um meio-termo entre as paixões do medo e da esperança em torno de um movimento tão expressivo como esse. Assim como talvez não haja equilíbrio possível entre o amor e o ódio que o atinge. [...] Retirar o feminismo da seara das polêmicas infindáveis e enfrentá-lo como potência transformadora é o que há de urgente. (TIBURI, 2018, p. 7-8).

59 Os CUs precisam de corpos. Os corpos femininos, feminilizados e fêmeas, no urbano, são atacados, agredidos, soterrados e silenciados. Que encontremos nossos CUs como potência pungente de transformações feministas: criemos CUs cada vez mais proliferadores!

60 Eles não vão odiar nossos corpos e nossos CUs. Nós somos sujeitas-es-os feministas e outras direções são apontadas pelos sonhos. Caminhamos acordadas-es-os e acocoradas-es-os em direção coletiva.

61 Quem tem CU não teme. Quem te CU sonha.

***

Sonhei que estava em um prédio com você. Tinha uma escada em formato de lagarta bem larga e grande. Era de madeira, o corrimão cintilava em cores. Fomos

visitar uma amiga sua que estava ensaiando uma cena de dança. Subimos a escada e fizemos umas piruetas no corrimão. Preparamo-nos para espiar o ensaio que estava acontecendo.

Percebi que era um sonho dentro de outro.

Estava com muito sono e dormi, mas fiquei com vontade de falar dele para você. Quando acordei do sonho dentro do sonho, estávamos espiando e comentei para você: – Achei que estava dormindo. Escutamos um barulho alto. Era o começo de uma música. As pessoas iniciaram uma coreografia. Tudo muito colorido com pessoas de vários tons e sons. Na dança, tinham ações com coisas pequenas que iam circulando de mão em mão. Pegaram uma xícara, esfregaram a virilha, todos levantaram das cadeiras em que estavam sentados, fizeram duas vezes o movimento. A escada se diluiu em um platô, nós ficamos rindo muito desta transformação no prédio. Como aquilo poderia ser possível? Subimos e dançamos ali um tempo e depois saímos. Pegamos umas bolinhas e fomos flutuando para a rua. Acordei rindo pela aventura. Os sonhos andam me preparando, me fazendo ensaiar dormindo. Talvez seja essa a minha ação: preparar-me sonhando.

***

61 Sonhos são desejos e dizem dos elementos que estão no nosso inconsciente. Processamos e somos processados por um conjunto de máquinas abstratas que estão além das racionalidades e interpretações conscientes. Compomos e decompomos encontros, criamos platôs horizontais ao invés de escadas verticais e não tememos mais o juízo do outro. A nossa escuta passa a ser mastigada e engolida.



Figura 3 - Performance O que guarda?, feita em telepresença no ACOCORÉ, 2020
Fonte: Arquivo Pessoal

62 No trabalho *O que quardo?*, trazemos corpos que têm vozes pelos gestos gritados. Agudo e profundo, convocando todas, todes e todos para conversar e formar parcerias, usando um fio de conexão pelos sonhos e deixando vazar as estruturas.

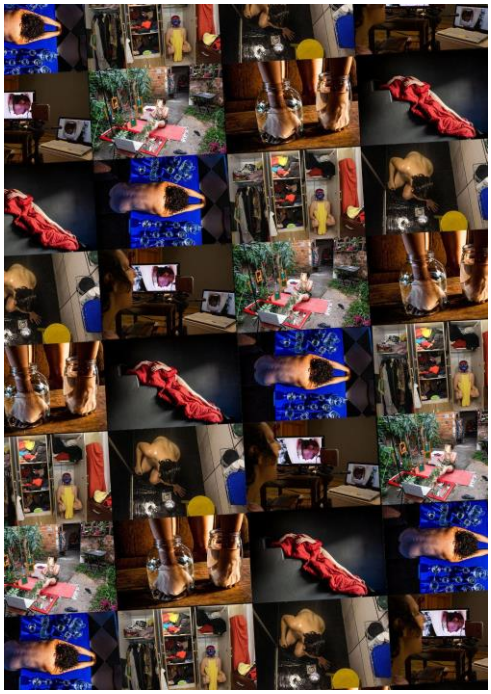

Figura 4 - Mapa-Imagem de performances para a oficina-residência casa feminista, 2022
Fonte: Arquivo Pessoal

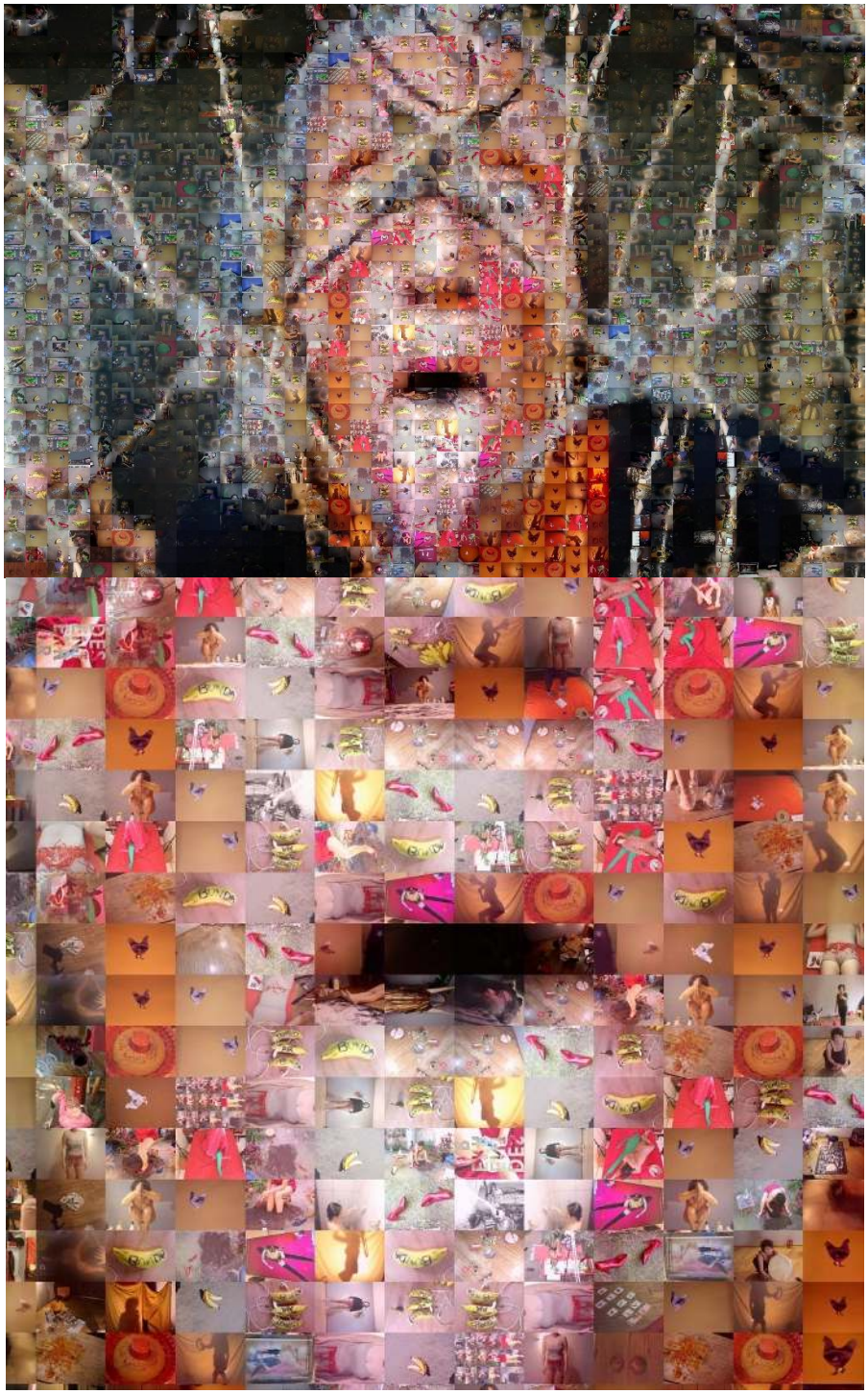

Figura 5 - Imagem feita no programa AndreaMosaic com fotos de performances realizada no ACOCORÉ (2020-2021) e sobrepostas no rosto de Bia Medeiros, 2022.
Fonte: Arquivo Pessoal

> Insurgir-se nesse terreno implica que diagnostique o modo de subjetivação vigente e o regime de inconsciente que lhe é próprio, e que investigue como e por onde se viabiliza um deslocamento qualitativo do que age. (ROLNIK, 2018, p. 36)

62 Olhar para os sonhos é uma forma de entender e descafetinar, insurgindo nos processos de como o inconsciente atua em nossas subjetivações.

147 O gesto do sonho é quebradiço, fronteiriço e escorregadio. Ele é a desinterpretação e a dessignificação dos sentidos. Pelas bordas, ele faz novos arranjos e cria sensações. Não faremos destes gestos decalques ou visões estereotipadas de consciência, deixemo-lo como potência sensível.

> É plenamente possível que um modelo pictórico — um gesto, por exemplo — tenha sido ressignificado pelo artista em sua apropriação. Em que medida essa ressignificação mantém elementos do sentido original? E em que medida se contrapõe aos sentidos antigos? O problema é precisamente discernir as transformações sofridas por certos modelos, ao serem apropriados e reutilizados, em maior ou menor medida, mais ou menos literalmente (WAIZBORT, 2015, p. 7)

***

Acordei às 00:50. Sonhei com a Vermelhosca. Estava em minha casa, na garagem. Ela tinha alguns desenhos e havia pego-os na parte de cima dessa casa, porque queria libertar coisas estranhas. Ela tinha o corpo repartido entre dois andares e queria juntar seus pedaços. Chegaram pessoas e tentaram ajudar a Vermelhosca a sair dessa situação. Ela conseguiu sair para a rua, livrando-se da casa que a prendia. O céu estava escuro e havia uma pessoa com um cachorro tentando fechar o portão da casa para Vermelhosca não voltar a se fragmentar. Uma tempestade estava prestes a chegar. Vermelhosca caiu subitamente em outra camada de realidade e, angustiada, tentou sair rapidamente de lá. Sabia que conseguiria sair se achasse os desenhos que procurava. Uma pessoa transparente surgiu e tentou impedir Vermelhosca de pegar os desenhos. Elas entraram numa luta. Vermelhosca tentou se livrar da pessoa transparente; pegou um objeto pontiagudo de um desenho e, num gesto feroz, enfiou o objeto no pescoço da pessoa transparente. Fiquei em pânico e acordei no susto.

***

64 O patriarcado impõe, a nós, mulheres, reproduzirmos gestos despotencializantes, de formas idealizadas de ser na sociedade. Encontrar maneiras de fazer ruir estas subjetividades traumáticas é fazer feminismo.

***

Sonhei que estávamos caminhando pela rua e Zé Mario me comentou que não queria ser uma imagem-objeto. Não sei onde era. Ele parou em um boteco e entrou no banheiro e lá ficou. Estava chateado com o fato de ser uma imagem-objeto. Você pediu que alguém fosse lá falar com ele e dizer para ele sair. Levando camisinhas e outras coisas que não lembro, Juliana Cerqueira tentou conversar com o Zé, mas voltou sem resposta. Zé continuava chateado. Depois tentei conversar com ele para saber como ele estava se sentindo e também levei as mesmas coisas que Juliana. Ele estava sentado no vaso. Conversamos um pouco e entreguei as camisinhas e umas outras coisas. Depois saímos pela rua de trás e lá pensamos em tirar uma foto em movimento com uma sombra que tinha na rua. Ele colocou o celular no chão e nisso um corvo vomitou em um outro pássaro em cima do celular. Todos do grupo chegaram e olharam o acontecido. Ficamos conversando sobre o que havia passado. Olhei para um espelho e Zé era outra pessoa, um amigo que faleceu em 2019, João Bosco B. (quem me apresentou a performance art). Acordei no susto.

***

> Fazer amalgama entre sonho, feminismos e gestos é se “apropriar de aspectos simbólicos destes materiais, combinando objetos, imagens e ideias deste universo, associando meu imaginário a elementos do imaginário social relativo a sexo, religião, infância, morte, masculino e feminino”. (MÁRCIA X, 2010)

65 Precisamos tirar do armário aquilo que guardamos nos sonhos.

66 As Marcianas entram em relação com objetos, coisas, pessoas, forças e outras matérias, que colocam a receber os signos que carregam consigo.

66.2 Somos todas Marcianas. Conectadas em rede colaborativa e sensível.

67 Um encontro com uma pessoa é uma explosão de constelações que se distribuem conforme nos permitimos distribuir. A estrela guia explodiu e transformou-se em uma nuvem cósmica.

68 Encontros com várias pessoas criam conexões por vezes desconexas, por vezes convexas, talvez sejam apenas omeletes, raquetes ou feijoadas.



69 Bandear cria feijoadas aglomerativas e, também, faz elos e lelos para compor e decompor.

68 A voz que embrulha o estômago produz líquidos que deixam sair o que é indi-gesto.

70 Ybirá Pe, na língua Tupi-Guarani, significa a passagem das árvores. Pensar outros caminhos para nossas estradas por entre árvores. Cada árvore é um cosmos.

***

Sonhei com Elton Panamby, ele tinha ido para Pelotas fazer uma fala e eu tinha ficado de fazer assessoria a ele. Fomos à praia no Cassino, em Rio Grande/RS. Estava chovendo e andávamos por baixo dos alpendres, víamos o caminho à frente e a praia ao longe. Vimos árvores e pensamos em um lugar para fazer a fala, decidimos ficar em uma rua que nos chamou a atenção (tinha árvores de salso-chorão, com casas de madeira e alguns botecos). Estávamos hospedados em uma casa de duas pessoas prestativas, que nos emprestaram guarda-chuvas e cadeiras para sentar debaixo das árvores. Quando voltamos, já tinha caído a noite e, na volta para nossa hospedagem, dois caras estavam seguindo a gente. Nós nos esquivamos e saímos pela lateral da rua para fugirmos. Conseguimos ir para a hospedagem em segurança. No outro dia, continuamos a fala debaixo dos salsos-chorões.

***

71 Falamos com os olhos. Estes expressam uma linguagem da presença e chamam coletivos. Eles também misturam sabores, saberes da língua. Os olhos então batem no céu da boca e saem por entre os dentes.

72 Que o desaforismo polinize os feminismos e as Marcianas, conectando e circulando pensamentos. Trazendo à tona o humor e os múltiplos agenciamentos de olhares, gozemos e tenhamos coragem para que os Xs das questões surjam.

73 Com o ego de lado, encorporar-se e encarnar-se com arte. Questioná-la. Ter muitas entradas e saídas e retirar, dos territórios conhecidos, nomadismos pensantes (ser e não ter).



Figura 6 – Pancake, 2001
Fonte: http://marciax.art.br/

74 Os Xs das marcianas colocam em xeque (cheque?) os padrões de obstinações gerados pela cultura de massa e que então relacionam as mulheres como a beleza, o dia a dia, a domesticidade, a família e os envolvimentos com a religião.

Consideramos neste texto compartilhado que escrever com tantas mãos em desaforo é criar paisagens de um feminismo nômade. Agenciando gesto e sonhos, chamamos para nós uma marcianidade que multiplica e poliniza, pela arte, os latidos de quem fala-morde com os dentes. Dizer da voz que é despotencializada das mulheres é descolonizar o inconsciente de suas amarras capitalistas (ROLNIK, 2018) e fazer arte composta e decomposta com corpos políticos e coletivos (AZAMBUJA; MARTINS; MEDEIROS, 2009). As Marias-marcianas-sem-vergonhas abrem espaços e relações para redes colaborativas de povos (povas) por vir.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. “Notas sobre o gesto”. *Revista Artefilosofia*. Ouro Preto, n. 4, p. 09-14, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. “Aby Warburg e a ciência sem nome”. *Arte e ensaio*, n. 22, p. 132-143, 2011.

ARTAUD, Antonin. “Para Acabar com o Julgamento de Deus” (1948). In: WILLER, Cláudio (Org). *Escritos de Antonin Artaud*, Porto Alegre: Ed L&PM, 1983.

AZAMBUJA, Diego; MARTINS, Fernando Aquino; MEDEIROS, Maria Beatriz de. COPOS INFORMÀTICOS. *Arte, cidade, composição*. 2006-2009, Brasília: Ed. Pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Como criar para si um Corpo sem Órgãos?”. Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. 2. ed. São Paulo: Editora, 2012

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2011b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente*: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Waburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Ed. 34, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MÁRCIA X. *Natureza Humana.* Disponível em: http://www.marciax.arte.br. Acesso em 15/08/2022- conferir o ano.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. “Sugestões de conceitos para reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria e prática do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos.” *Art Research Journal.* ARJ. V. 4, n. 1 | p. 33-47 | jan. / jun. 2017.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum:* para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 2018.